

# A Linguística de Roman Jakobson: Contribuições para o Estudo da Comunicação

## Roman Jakobson's Linguistics: Contributions to Communication Studies

Nellie Rego Santee<sup>a\*</sup>; Ana Carolina Rocha Pessoa Temer<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal de Goiás

\*E-mail: nelliesantee@gmail.com

### Resumo

Roman Jakobson é uma presença constante nas ementas dos cursos de comunicação em todo o mundo. Seu modelo de comunicação foi amplamente difundido e até os dias de hoje é considerado por alguns como a reprodução fiel do processo de comunicação. Compreender as escolas que influenciaram seu trabalho e a biografia deste autor é de grande importância para que se tenha em mente o contexto histórico-acadêmico que gerou uma das correntes teóricas mais populares de nosso tempo.

**Palavras-chave:** Jakobson. Linguística. Teoria Informacional da Comunicação. Shannon e Weaver. Teorias da Comunicação.

### Abstract

*Roman Jakobson is a very important author in the communication study. His communication model has been widely broadcasted and even today it is used by some as the exact reproduction of the communication process. To understand Jakobson's biography and the schools he was part of is very important to the major comprehension of the academical-historical context that created one of the most popular communication theories of our time.*

**Keywords:** Jakobson. Linguistics. Information Theory. Shannon e Weaver. Communication Theory

### 1 Introdução

Roman Jakobson é o responsável pelo modelo de comunicação mais utilizado na história das Teorias da Comunicação. Neste trabalho, abordaremos de que forma as escolas acadêmicas influenciaram Jakobson em sua jornada rumo à Linguística Matemático-Estrutural, e quais eram suas principais ideias a respeito destes campos do conhecimento.

### 2 Biografia

Roman Osipovich Jakobson (*Роман Осипович Якобсон*) nasceu em 1896, em Moscou. Estudou no Instituto Lazarev de Línguas Orientais da Universidade de Moscou de 1914 a 1918. Sempre foi engajado no estudo da dialetologia, folclore russo e na arte de vanguarda, principalmente cubismo e futurismo. Seus laços estreitos com a poesia (foi amigo de Maiacóvski e Khlebnikov) o levaram a participar do Círculo Linguístico de Moscou de 1915 a 1920 como fundador e presidente. Jakobson também ajudou na fundação da OPOIAZ (*Óbchestvo pro izutchéniu poetícheskovo iazyká* - Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética) em 1916, da qual participavam linguistas, críticos literários e poetas. Eles propunham uma redefinição dos estudos literários, com a recusa de qualquer interpretação extraliterária. Desses dois grupos nasceria o formalismo russo, que será tratado adiante. Em 1917 ocorreu a

Revolução Socialista na Rússia, levando Jakobson a se exilar na Tchecoslováquia em 1920, lecionando na Universidade Masaryk e escrevendo uma série de trabalhos importantes sobre a poesia tcheca. Junto com Trubetzkoy fundou a ala russa do Círculo Linguístico de Praga em 1928, por ocasião do I Congresso Internacional de Linguistas em Haia, resultando em uma Comunicação – as Teses de 1929 – assinada por Jakobson, Kartzévsky e Trubetzkoy. Nas Teses foram traçadas as diretrizes fundamentais que nortearam toda a obra de Jakobson. Em 1930, terminou o doutorado pela Universidade de Praga. Fugindo da ocupação nazista na Tchecoslováquia, passa dois anos na Escandinávia, lecionando em Copenhague, Oslo e Upsala (CAMARA JUNIOR, 1970; DE CAMPOS, 1970; JAKOBSON, 2006; 2008; TOLEDO, 1971).

Em 1939 iniciou-se a Segunda Guerra Mundial, e em 1941 Jakobson publicou um de seus livros mais famosos, *Kindersprache, Aphasie und Allegemeine Lautgesetze* (algo como “Linguagem infantil, Afasia e Fonológicos Universais” – não publicado no Brasil). Logo em seguida, transferiu-se para os Estados Unidos. Lecionou nas universidades de Columbia, Harvard e no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*). Participou das atividades do Círculo Linguístico de Nova Iorque e da Sociedade Linguística dos Estados Unidos, tendo sido eleito presidente em 1956. Nos EUA teve contato com Claude Lévi-Strauss, influenciando o nascimento

da Antropologia Estrutural. Foi nos Estados Unidos também que Jakobson escreveu seus ensaios de maior importância, incluindo o aprofundamento na fonologia, área de estudo iniciada ainda na Rússia, refletindo sobre as relações entre som e sentido em literatura e poesia (JAKOBSON, 2008; PAVEAU; SARFATI, 2006). Durante o tempo em que esteve nos EUA, realizou um trabalho de “missão diplomática” entre as academias ocidentais e orientais, sendo um pesquisador das línguas eslavas fora da Europa.

Kursell (2010) argumenta que esse tipo de troca entre os dois hemisférios pode ser notado em seu trabalho, que o desenvolvimento de sua linguística foi uma estratégia para furar o bloqueio da cortina de ferro erguida contra o regime soviético, agindo politicamente por meio da linguística. Em 1956, a URSS convidou Jakobson a visitar o país como um representante americano do Comitê Internacional de Slavistas (ICS), após 35 anos ele retornava à sua região de origem para participar do Congresso Internacional de Slavistas. Depois desta viagem retornou quatro vezes mais, mesmo sendo um cidadão dos EUA com pesquisas financiadas pela *Rockefeller-Foundation*, e considerado um traidor pelo regime stalinista. Por outro lado, na era McCarthy, Jakobson também foi acusado pelos Estados Unidos de conspiração com o bloco comunista (KURSELL, 2010). Ao estabelecer uma linguística formal e isenta, ele pôde alcançar pesquisadores de ambos os lados da cortina, que poderiam estudar a língua sem influência do regime político.

Continuando suas viagens pelo mundo, em setembro de 1968 Jakobson realizou uma visita ao Brasil participando de várias conferências, que influenciaram o trabalho de vários acadêmicos brasileiros, como J. Mattoso Câmara Junior, Boris Schnaiderman, Haroldo de Campos, Izidoro Blikstein, entre muitos outros (JAKOBSON, 1970). Roman Jakobson faleceu em 1982 aos 85 anos, em Boston, pouco tempo após ter ganhado o Prêmio Feltrinelli<sup>1</sup> em 1980.

### 2.1 Influências

No geral não existe uma só linha de trabalho que norteie toda a produção de Jakobson, que elaborou uma linguística que se aproximava de várias disciplinas, como fonologia, patologia da linguagem, antropologia, teoria da informação, estilística e folclore. A maioria de seus trabalhos encontra-se disperso em revistas, anais e volumes de coletâneas, além de muitas vezes serem realizados em parceria.

Entre os vários ramos de estudo que influenciaram Jakobson, alguns foram essenciais no desenvolvimento de seu trabalho acerca do processo de comunicação: Saussure, com a linguística estrutural; os Formalistas Russos; a psicologia comportamentalista; a Teoria Informacional da Comunicação, etc. Neste trabalho, o foco foi dado nas escolas de pensamento que o levaram a formular o seu famoso modelo de comunicação, que será mostrado adiante. Para mostrar como essas influências estão sendo abordadas, foi elaborado o esquema abaixo.

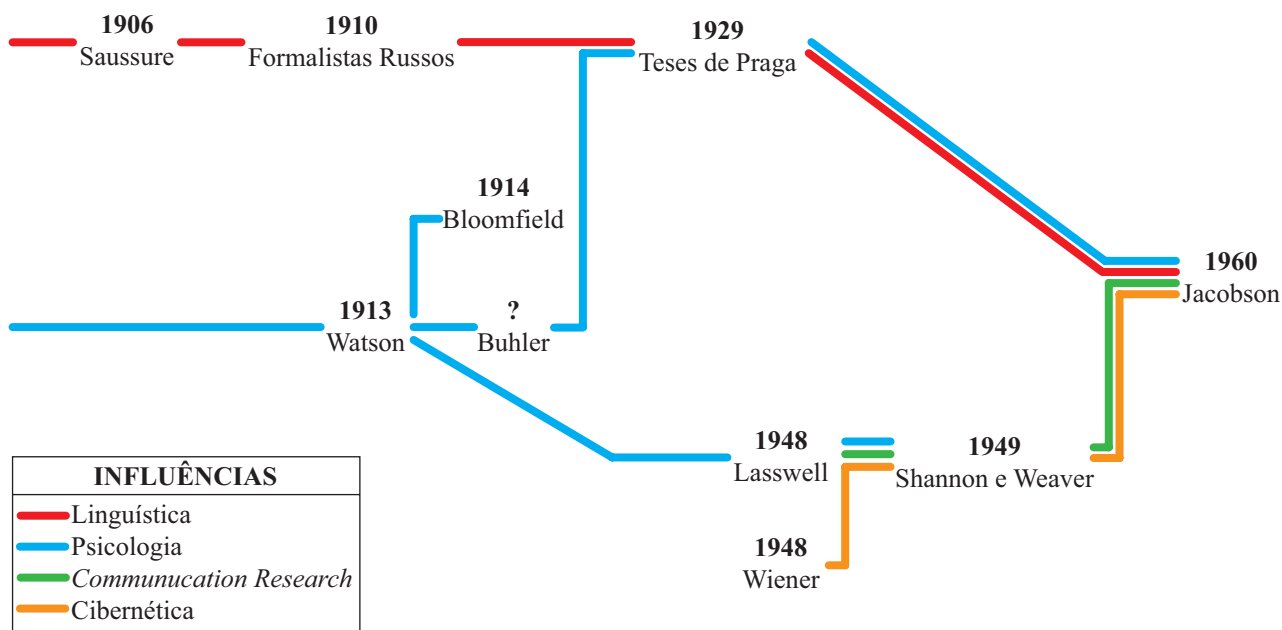


Figura 1: Influências no Trabalho de Roman Jakobson

<sup>1</sup> Prêmio oferecido pela *Accademia Nazionale dei Lincei* para reconhecer feitos na arte, música, literatura, história, filosofia, medicina e ciências físicas e biológicas. Lista de vencedores: <http://www.lincoi.it/premi/assegnati>

Cada um desses autores ou escolas e as datas da publicação de seus principais trabalhos serão explicados adiante.

### 3 Formalismo Russo

Nascido do Círculo Linguístico de Moscou e da OPOIAZ nas décadas de 1910 e 1920, o formalismo russo teve muitas de suas bases idealizadas por Roman Jakobson. Em 1919, Jakobson escreveu um texto que se tornaria famoso por resumir o pensamento do movimento formalista russo: “A poesia é linguagem em sua função estética. Deste modo, o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literaridade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária (JAKOBSON, 1971, p. x).

Os dois grupos que iniciaram o formalismo russo também deram início ao pensamento de Jakobson acerca da linguagem. Eles voltavam sua atenção para a substancialidade da arte escrita, tanto poesia quanto literatura. Interessava a eles investigar quais elementos formais tornavam um texto artístico. Por se oporem completamente ao estudo da literatura partindo da historicidade e biografia do autor, foram depreciativamente apelidados de formalistas pelos que apoiavam o sociologismo no campo dos estudos literários. Sua principal premissa era estudar a parte “sólida” das obras literárias: o palpável, o analisável. Teixeira (1998) cita Victor Chklovski como o primeiro a sistematizar a ideia de que a linguagem poética fosse um desvio da língua cotidiana, dando atenção à sua forma. Assim, teria sido ele a desencadear a abordagem linguística da literatura utilizada por todo o grupo de formalistas russos. A partir desse ponto surge nova forma de abordagem da literatura, não mais como discurso espiritual e ornado, mas como maneira específica de organizar e articular a linguagem. Levando em consideração a estrutura verbal do texto e a percepção dela pelo leitor, se interessando por problemas de ritmo, métrica, estilo e composição (JAKOBSON, 2006).

Até então, jamais se chegara a um conceito tão relativo do valor da obra de arte, que passou a ser definida como uma estrutura signica contrária ou divergente do padrão dominante” (TEIXEIRA, 1998, p.38).

Apesar da atenção para a forma, Blikstein (2008) diz que eles não consideravam a dicotomia entre forma e conteúdo, na verdade, viam na obra literária uma vinculação entre som e sentido, pendendo para a fonologia, ao invés da fonética.

Em 1930 o formalismo foi praticamente extinto na Rússia – agora União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – por ser tachado de burguês e ser considerado um desvio ideológico. Foi então apagado da literatura russa e desconsiderado pela academia por muitas décadas. Seus membros foram exilados, mudaram de abordagem ou até foram fuzilados (JAKOBSON, 2006; TOLEDO, 1971).

Em sua obra “A geração que esbanjou seus poetas” (2006) Jakobson fala sobre o destino de muitos de seus parceiros formalistas:

O fuzilamento de Gumiliov (1886-1921); a longa agonia espiritual e as insuportáveis torturas físicas que levaram Blok (1880-1921) à morte; as privações cruéis e a morte desumana de Khlebnikov (1885-1992); os suicídios anunciados de Iessimín (1985-1925) e Maiakóvski (1893-1930). Assim, pereceram, no curso dos anos 20 deste século, na idade de 30 e 40 anos de idade, os inspiradores de toda uma geração (JAKOBSON, 2006, p. 11).

Mais tarde, quando emigrou para os EUA, Jakobson difundiu pelo ocidente as ideias nascidas no Formalismo Russo, principalmente com seus estudos da Função Poética da linguagem, ambiguidade da mensagem poética e adensamento do significante. Somente em 1962 que as ideias do Formalismo foram aceitas novamente na União Soviética com a publicação periódica de importantes estudos sobre semiótica e linguística, com o nome de Pesquisas Tipológico-Estruturais (TOLEDO, 1971).

### 4 Teoria Hipodérmica da Comunicação

A Teoria Hipodérmica da Comunicação foi baseada principalmente em uma teoria da ação elaborada pela psicologia comportamentalista (também chamada de behaviorista). Os pontos principais do comportamentalismo foram lançados por J. B. Watson em 1913, em um manifesto na *Psychological Review*: A psicologia como o comportamentalista a vê. Diz ele: “A psicologia, tal como a vê o comportamentalista, é um ramo puramente objetivo e experimental da ciência natural. Seu objetivo teórico é prever e controlar o comportamento” (WATSON, 1913 *apud* SCHULTZ; SCHULTZ, 1992, p. 240).

Cada comportamento, seja humano ou animal, é disparado por um estímulo, de maneira direta. Assim: E → R (Estímulo → Resposta). Segundo os pensamentos de Watson, o objetivo final do comportamentalismo é ser capaz de prever uma resposta conhecendo o estímulo ou vice versa. O comportamento humano, assim, pode ser eficazmente previsto e controlado (SCHULTZ; SCHULTZ, 1992).

Este pensamento foi estendido para o estudo da comunicação, no qual se acreditava que, mediante o estímulo correto, qualquer audiência poderia ser levada a uma resposta planejada. Assim foi formada a Teoria Hipodérmica da Comunicação (ou *Bullet Theory*), segundo a qual a comunicação poderia ser inoculada nas pessoas, como em uma agulha hipodérmica.

### 5 O Início da *Communication Research*

Um dos primeiros a pensar a pesquisa empírica em comunicação nos anos 30, a *Communication Research*, foi Harold Lasswell, durante o que foi considerado o período áureo da Teoria Hipodérmica (WOLF, 2008, p. 12). Em 1948, ele propôs que

Uma maneira convincente para descrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas:  
 Quem  
 Diz o quê  
 Em que canal  
 Para quem  
 Com que efeito?

Assim o estudo científico em comunicação se interessa em responder essas questões, estudando respectivamente o comunicador (análise de controle), conteúdo, meios/mídia, audiência e efeitos. Wolf (2008) explica que o modelo de Lasswell se tornou a teoria da comunicação mais difundida da época, organizando a *communication research* em torno de dois temas: análise dos efeitos e a análise dos conteúdos. Percebe-se aí a influência do comportamentalismo na teoria de Lasswell, que acaba dando maior importância em estudar que tipo de conteúdo (estímulo) pode causar determinado efeito (resposta). Ela também teve estreita relação com a Teoria Informacional da Comunicação.

## 6 Teoria Informacional da Comunicação

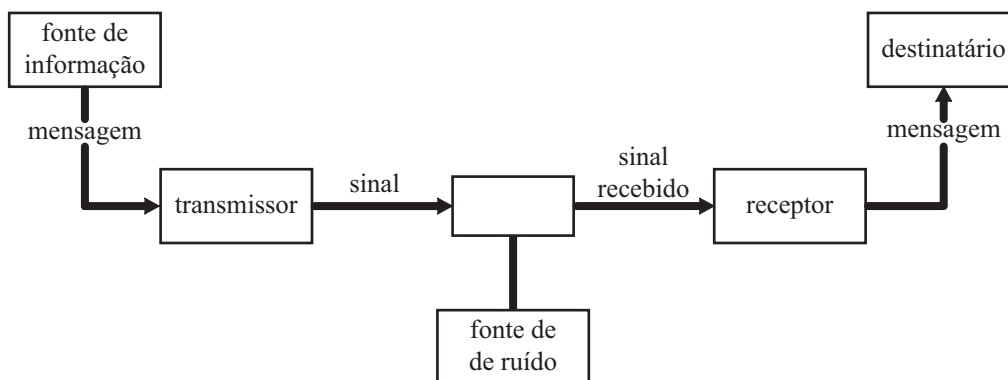
A Teoria Informacional da Comunicação<sup>2</sup> é bastante influenciada pelo comportamentalismo de Watson, com o estudo da aferição dos comportamentos humanos (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003). Porém, os principais conceitos de seu paradigma começaram a ser construídos por Norbert Wiener, com a cibernética. De modo geral, a cibernética se propunha a estudar, de maneira interdisciplinar, sistemas de qualquer

natureza capazes de receber, conservar e transformar informação. Reunindo estas duas influências, foram se formando as bases para um estudo da comunicação que envolvesse o estudo do controle comportamental pela previsibilidade, o cálculo dos sinais aparentes e a regulação automática da ação humana (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003).

A partir dessa base teórica, Claude Shannon e Warren Weaver, ambos os engenheiros da *Bell Telephone* (filial da *American Telegraph & Telephone - AT&T*), formularam o modelo teórico-matemático da comunicação, que acabou se tornando um dos mais influentes na *communication research*. Era uma teoria de extrema simplicidade, aplicabilidade e fácil compreensão, sendo esses uns dos motivos de seu sucesso.

Diz Gilbert (1966, p.320):

Em um trabalho publicado em 1948, Shannon não só definiu uma medida razoável para a informação como também a aplicou para provar teoremas incríveis, que fornecem critérios para a avaliação e comparação de diferentes sistemas de comunicação. [...] A necessidade de bons modos de avaliação de sistemas de comunicação era evidente, e o trabalho de Shannon recebeu atenção imediata.



Fonte: (WOLF, 2008, p.108)

Figura 2: Modelo teórico de Shannon e Weaver

Neste modelo, uma *fonte de informação* envia uma *mensagem* que é codificada por um *transmissor*, transmitida por um *canal*, decodificada por um *receptor*, recuperando a *mensagem* original que é recebida pelo *destinatário*. No meio do caminho o *sinal* pode ser afetado por uma *fonte de ruído*, que distorce e atrapalha o entendimento correto da *mensagem*. Por ser um modelo da engenharia da comunicação, ele pressupõe uma comunicação meramente transmissora, como no modelo da Teoria Hipodérmica. Esse tipo de abordagem da comunicação em linha reta será absorvida por muitas teorias subsequentes, entre elas a linguística estrutural (MATTELART; MATTELART, 2002). O objetivo principal deste modelo é assegurar uma transmissão de informação rápida e com pouca ou nenhuma distorção, aumentando assim o rendimento total

do processo de transmissão de informação (WOLF, 2008). Esse modelo, mesmo tendo sido desenvolvido para máquinas, pode ser considerado para a comunicação entre duas máquinas; uma máquina e um ser humano; e entre dois seres humanos (ECO, 1972 *apud* WOLF, 2008).

Shannon e Weaver, enquanto engenheiros de telecomunicações estavam preocupados apenas na forma da transmissão da *mensagem*, para resolver problemas de ordem técnica (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003). Portanto, para eles, o conteúdo da mensagem era de pouca relevância. Seu interesse estava em conciliar baixo custo e alto rendimento da transmissão de mensagens. Eles pressupõem que a mensagem enviada possua um sentido, então bastará que se aperfeiçoe a codificação para que se melhore a capacidade semântica da mensagem. O sentido

2 Ou Teoria da Informação, ou Teoria Matemática da Comunicação.

da mensagem depende de fatores culturais e psicológicos não são privilegiadas no modelo (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003).

Uma das maiores inovações conquistadas por este modelo foi a inclusão do *ruído* no processo de comunicação, o reconhecimento de algo que possa atrapalhar a *mensagem* chegar claramente ao *destinatário*. “[...] os *sinais* podem ser perturbados por ‘distorções de sentido’ que, embora não intencionais por parte da *fonte emissora*, afetarão o entendimento do *destinatário*” (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003). Sendo assim, o *canal* deve ser constantemente testado e ajustado para que o sentido recebido da *mensagem* seja equivalente ao sentido desejado pelo emissor.

Este modelo também trouxe um conceito que foi muito adotado pelos seguintes: o *código*. Um dos *códigos* propostos para a transmissão das mensagens pelo *canal* é o *código* binário (GILBERT, 1966), em que pulsos positivos (1) e negativos (0) eram combinados para corresponder às letras do alfabeto. Porém, para o engenheiro da comunicação, essa correspondência não era objeto de estudo, mas sim a transmissão eficaz do sinal. “A teoria da informação representa um método de cálculo das unidades de sinal transmissíveis e transmitidas, e não um método de cálculo das unidades de significado” (ECO, 1984 *apud* WOLF, 2008). Essa noção de *código* é uma das limitações da Teoria Informacional da Comunicação, pois, não há comunicação a não ser que haja a interação com o *código* pelo *emissor* e *receptor*. A *mensagem* não existe enquanto não existir *código*. No modelo de Shannon e Weaver, o significado do que é transmitido pouco importa.

Após o modelo de Shannon e Weaver, mais dois modelos bastante populares foram elaborados usando como base o anterior. Em 1960, David King Berlo apresentou o “modelo dos ingredientes da comunicação”, que tentou adicionar uma dimensão sociológica ao modelo de inspiração. Ele reconhece que o emissor é aquele que possui algum conhecimento – enviado pela *mensagem* –, mas o *receptor* necessita de fazer algum reconhecimento, e também que o quadro sócio-cultural deve ser partilhado por ambos. Os significados, além de partilhados devem provocar sentidos em ambos, tarefa que cabe aos *receptores* (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003, p. 105-106).

Wilbur Schramm também retomou o modelo de Shannon e Weaver com a intenção de aplicá-lo à comunicação humana especificamente. Em seu modelo foram excluídos o *transmissor* e o *receptor*, considerando o emissor como a *fonte de informação* + *transmissor* e o *destinatário* como o *receptor* + *destinatário*. Isso mostra que a tarefa de *codificar* cabe ao *emissor* e, conseqüentemente, a de *decodificar* cabe ao *receptor*. Os *ruídos*, que antes eram somente físicos, passam a ser entendidos como semânticos também, como por exemplo, uma palavra inapropriada ou desconhecida. Nesse modelo também é adicionado o fator retroalimentação (*feedback*), inspirado na cibernética. *Emissor* e *receptor* agora interagem e fazem alterações na *mensagem* para otimizar sua comunicação (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003).

Conforme Toledo (1971), a Teoria da Informação deu continuidade a alguns conceitos que já apareciam no

Formalismo Russo. Umberto Eco afirma que era espantoso que o artigo de Vitor Chklovski, ‘A arte como processo’, ‘antecipasse todas as possíveis aplicações estéticas de uma teoria da informação que ainda existia’.

De acordo com Araújo (2001, p. 120), a *communication research* possui quatro características que une todas suas influências: a orientação empirista dos estudos, privilegiando informações quantitativas; a orientação política pragmática, que determinou a problemática dos estudos, normalmente por demanda do Estado, das Forças Armadas ou dos monopólios de comunicação de massa, sempre com objetivo da otimização de resultados; a orientação para a comunicação midiática; e estão sempre guiadas por um modelo de comunicação, o de Shannon e Weaver.

## 7 Estruturalismo e o Legado de Saussure

Ferdinand de Saussure nunca chegou a publicar uma obra com suas ideias a respeito da linguística, mas, em 1916, Bally e Séchehaye publicaram o Curso de Linguística Geral, elaborado a partir das anotações dos estudantes que fizeram os cursos de Saussure entre 1906 e 1911 na Universidade de Genebra. Saussure, cujo trabalho foi divulgado pelo linguista russo S. I. Kartzevski, que estudara em Genebra (DE CAMPOS, 1970), foi um dos inspiradores do grupo dos Formalistas Russos, propondo uma ruptura com a linguística comparativa e propondo uma abordagem não-histórica, descritiva e sistemática (PAVEAU; SARFATI, 2006).

Os fundamentos apresentados na obra são reconhecidos como a origem do Estruturalismo.

Para o linguista suíço, a língua é uma ‘instituição social’, enquanto a palavra é um ato individual. Enquanto instituição social, a língua é um sistema organizado de signos que exprimem ideias; representa o aspecto codificado da linguagem (MATTELART; MATTELART, 2002, p. 86).

Assim, a linguística tem como tarefa principal estudar as regras do sistema que organiza a língua. Saussure volta sua atenção principalmente aos aspectos pragmáticos da língua, e seu uso enquanto atividade social (WEDWOOD, 2002).

Wedwood (2002) sugere que o estruturalismo de Saussure pode ser resumido em duas dicotomias: (1) *langue* (língua) em oposição a *parole* (fala) e (2) forma em oposição à substância, sendo que língua e fala podem ser explicadas no seguinte quadro:

**Tabela 1:** Língua e Fala

LÍNGUA	FALA
Social	Individual
Essencial	Acessório mais ou menos acidental
Registrada passivamente	Ato de vontade e de inteligência
Psíquica	Ato de vontade e de inteligência
Soma de marcas em cada cérebro	Soma do que as pessoas dizem
Modelo coletivo	Não coletivo

Fonte: (PAVEAU; SARFATI, 2006)

Há ainda a corrente americana do estruturalismo, inaugurada por Bloomfield em 1914. Seu livro, *Language*, adotou uma abordagem comportamentalista do estudo da língua, eliminando toda referência a categorias mentais ou conceituais, e, conseqüentemente, a semântica (WEDWOOD, 2002). Jakobson se correspondia frequentemente com ele, tanto por suas semelhanças na análise do fonema, como nas suas discordâncias – Bloomfield era extremamente comportamentalista e separava a forma linguística do conteúdo semântico (CÂMARA JUNIOR, 1970). Para Jakobson, a análise estrutural é o elemento que une todas as correntes científicas de sua época, e distingue claramente a pesquisa linguística contemporânea a ele do que era feito no começo do século vinte e fim do dezenove (JAKOBSON, 1970).

### 8 Círculo Linguístico de Praga e Estruturalismo Funcional

Em 1929, por ocasião do Primeiro Congresso Internacional de Slavistas em Praga foram publicadas as Teses de Praga (ou Teses de 29), escritas principalmente por Jakobson. Assim foi oficializado o grupo do Círculo Linguístico de Praga (*Pražský lingvistický kroužek*), que vinha realizando reuniões dispersas há anos (PRAGUE LINGUISTICS, 2010). Muitas ideias que eram discutidas no Formalismo Russo foram aprimoradas e desenvolvidas em Praga (TOLEDO, 1971).

Paveau e Sarfati (2006) e Wedwood (2002, p.138) esclarecem que a principal característica do Círculo de Praga é a combinação do estruturalismo com o funcionalismo, sendo sua ideia geral a de que a estrutura das línguas é determinada por suas funções, conceito muito trabalhado por Jakobson.

É sobretudo Jakobson quem, com sua poética, assumirá de maneira mais rigorosa esse laço entre literatura e lingüística e ver-se-á que suas concepções fonológicas estão essencialmente ligadas à sua preocupação com o uso poético da linguagem (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 117).

As Teses de Praga são nove no total, sendo que as três primeiras tratam de lingüística geral, com atenção especial para a terceira: *Problemas das pesquisas sobre as línguas de diversas funções*. Essa tese trata das funções lingüísticas, apresentando seu conceito pela primeira vez. Diz ela que o estudo da língua exige que se considere a variedade de funções lingüísticas e de seus modos de realização; que a língua possui uma função social seja ela intelectual ou emocional; e esboça a Função Poética ao distingui-la da função de comunicação (PAVEAU; SARFATI, 2006).

A dedicação dos novos linguistas da Escola de Praga demonstra uma guinada em direção ao pragmatismo no estudo da língua e de seu uso, ao invés dos aspectos abstratos – tendência já percebida em Saussure.

### 9 A Linguística Jakobsoniana: Funções da Linguagem

Roman Jakobson tem uma vasta e extremamente diversa área de estudo. Este trabalho colocará o foco em sua pesquisa relacionada com a área da comunicação, e as ideias que

influenciaram os estudiosos da comunicação que vieram após a publicação desses trabalhos.

Sobre o conceito de Comunicação, Roman Jakobson cita Lévi-Strauss como o idealizador de uma teoria da comunicação integrada à antropologia social, economia e lingüística (que ele considera como sendo um ramo da semiótica). Ele se utiliza da concepção triádica do antropólogo, segundo a qual a comunicação – em qualquer tipo de sociedade – opera em três níveis diferentes: troca de mensagens, troca de utilidades (bens e serviços) e troca de companheiros. Por isso, a lingüística se ocuparia de uma dessas formas de comunicação: a troca de mensagens de mensagens verbais (JAKOBSON, 1970).

A linguagem é um dos sistemas de signos, e a lingüística, enquanto ciência dos signos verbais é apenas parte da semiótica, a ciência geral dos signos, prevista, denominada e delineada no *Essay* de John Locke: ‘Σημειωτική’ ou “A doutrina dos signos”, dos quais os mais comuns são as palavras (JAKOBSON, 1970, p. 14).

Utilizando também as ideias de Edward Sapir, Jakobson admite que a linguagem é o tipo mais óbvio de comunicação, porém outros meios e comportamentos podem ser sistemas de comunicação, embora não tratados pela Lingüística (JAKOBSON, 1970). Para Jakobson, a ciência da linguagem investiga a fabricação de mensagens verbais e de seus *códigos* subjacentes. As características estruturais da linguagem são interpretadas à luz das funções que elas cumprem, nos vários processos de comunicação. Um dos problemas que Jakobson identifica no estudo da lingüística, tanto na Teoria da Comunicação quanto com Saussure, é a eliminação de elementos que ele considera inerentes à linguagem. Com a Teoria Informacional da Comunicação, foi a exclusão do significado, e com Saussure, foi dar atenção demais somente ao *código* (*langue*), se esquecendo da *mensagem* (*parole*) (JAKOBSON, 1970).

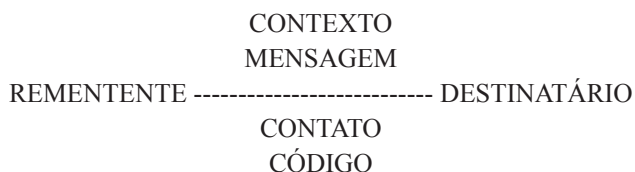
A primeira vez que o termo função aparece é nas Teses de Praga, que teve como um de seus autores Roman Jakobson. Baseado neste texto, Paveau e Sarfati (2006, p. 124) definem a função como “[...] a tarefa atribuída a um elemento lingüístico estrutural (classe, mecanismo) para atingir um objetivo no quadro da comunicação humana.” Ou seja, a mensagem procura cumprir um objetivo, proporcionado pela organização da sua estrutura e sua orientação textual. A ideia das funções na linguagem nas Teses recebeu muita influência do psicólogo alemão Karl Bühler, que distinguiu três funções da linguagem: *Darstellungsfunktion* (Função Cognitiva ou função de representação do mundo), *Kundgabefunktion* (Função Expressiva ou função de exteriorização) e *Appelfunktion* (Função Conativa ou Função Apelativa). A cognitiva se refere à transmissão de mensagens informativas, a expressiva indica a atitude do locutor; e a conativa é a usada para influenciar pessoas, provocar efeitos práticos (CHALHUB, 2002; WEDWOOD, 2002).

Cada função é relacionada com fenômenos gramaticais:

cognitiva – indicativo e 3ª pessoa; expressiva – subjuntivo e 1ª pessoa; conativa – imperativo e 2ª pessoa; ou seja, as estruturas da língua podem ser explicadas pela função pretendida (PAVEAU; SARFATI, 2006).

Roman Jakobson vai retomar e aprofundar essa classificação de Bühler, utilizando como base também o modelo de Shannon e Weaver da Teoria Informacional da Comunicação. Em 1960 publicou seu trabalho mais difundido, um ensaio na revista *Style in Language* (organizado por Thomas A. Sebeok, Nova Iorque, MIT, 1960) intitulado *Linguística e Poética*. Apesar de muitos dos conceitos apresentados neste artigo já terem sido publicados anteriormente por ele mesmo, foi neste que houve uma real sistematização e clarificação das ideias, tornando-o muito popular. Diz ele:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou ‘referente’, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. Todos estes fatores inalienavelmente envolvidos na comunicação verbal podem ser esquematizados como segue (JAKOBSON, 2008, p. 122-123).



Fonte: Jakobson (2008, p.123)

**Figura 3:** Esquema da comunicação de Jakobson

Aos três elementos da comunicação descritos por Bühler e presentes na Teoria Hipodérmica (*remetente/emissor, mensagem e destinatário/receptor*), Jakobson acrescentou mais três: *contexto, contato e código*. Assim, ele propôs uma análise da comunicação olhando para sua estrutura, seus processos. Analisar as propriedades da *mensagem* em si; do *remetente*; do *destinatário*, se está recebendo a *mensagem* realmente ou é apenas virtual; o caráter do *contato* entre estes dois participantes no ato da fala; o *código* comum entre os dois e as semelhanças e diferenças entre as operações de codificação e decodificação; e por último o *contexto* que rodeia a *mensagem*, que pertence ao mesmo referencial dos dois, um passado em comum ou um futuro antecipado (JAKOBSON, 1971).

Percebe-se claramente uma influência do modelo de

Shannon e Weaver, inclusive no modo de organizar o esquema. “O modelo de comunicação formulado por Jakobson articula-se sobre a teoria matemática da informação” (MATTELART; MATTELART, 2002 p. 89).

Câmara Junior (1970) nota que era usual que Jakobson se interessasse pelas ciências exatas, fazendo aproximações com a linguística que nunca haviam sido feitas, como quando relaciona os traços distintivos do fonema com a desintegração do átomo. Porém o modelo de Shannon e Weaver não ficou intocado. Jakobson eliminou a noção de codificador e decodificador, considerando que estes faziam parte do *remetente e destinatário*, e fundiu a *mensagem* com o *signal*. Ele adaptou o modelo da telecomunicação para uma comunicação realizada estritamente entre dois humanos (KURSELL, 2010). Seu primeiro contato com o trabalho de Shannon e Weaver foi em 1949, quando entrou em Harvard e a partir daí se correspondeu com os dois autores sobre a semelhança de suas ideias (KURSELL, 2010). Até que no encerramento de um congresso<sup>3</sup> ele disse:

É preciso reconhecer que, sob certos aspectos, os problemas da troca de informação encontraram, por parte dos engenheiros, uma formulação mais exata e menos ambígua, um controle mais eficaz das técnicas utilizadas, bem como prometedoras possibilidades de quantificação. Por outro lado, a imensa experiência acumulada pelos lingüistas no tocante à linguagem e à sua estrutura permite-lhes expor as fraquezas dos engenheiros quando estes lidam com material Linguístico (JAKOBSON, 2008, p. 18).

Sobre a relação entre a Linguística e a Teoria Informacional da Comunicação, Jakobson cunha a ideia de Linguística Matemática, que deveria suprir as carências de ambos os lados, requerendo um controle de especialistas nas duas ciências. Ela deveria cobrir a falta de importância dada do contexto pela Teoria da Comunicação e também acrescentar critérios científico-matemáticos à Linguística (JAKOBSON, 1970). Para ele, é essencial a retomada do estudo do sentido e semântica não somente como um ruído na mensagem em ambas as ciências. A clarificação trazida pela Teoria da Comunicação foi decisiva para a aproximação de uma real teoria com significado (JAKOBSON, 2008).

Wolf (2008), porém, critica a colaboração de Jakobson com a Teoria Informacional da Comunicação. Para ele, a Teoria da Comunicação foi “alargada” por Jakobson e seu modelo de comunicação, que alinhou a terminologia e corrigiu os aspectos mais técnicos da Teoria, eliminando-os. Ele aponta que o modelo de Jakobson pouco caminha além da relação Estímulo-Resposta, tratando a recepção como passiva, e o *código* como comum e uniforme. Por atenuar e tornar mais acessível a linguagem da Teoria Informacional da Comunicação, Jakobson acabou por torná-la mais popular e praticamente uma unanimidade no círculo acadêmico

3 Informe final apresentado à Conferência de antropólogos e linguistas, realizada na Universidade de Indiana, EUA de 21 a 30 de julho de 1952. Publicado no Suplemento do Int. Journal of American Linguistics, XIX, n. 2, 1953.

(WOLF, 2008).

Paveau e Sarfati (2006) também apontam críticas ao modelo de Jakobson: ele trata a comunicação como homogênea e linear; coloca o *código* como exterior à *mensagem*, *destinador* e *destinatário*, quando na realidade ele é constituído pelo saber de cada um; além de não citar influências culturais e extralinguísticas.

Seu conhecimento sobre o trabalho de Ferdinand de Saussure, no grupo dos Formalistas Russos, também foi decisivo para o desenvolvimento do estruturalismo linguístico que o guiou por toda sua vida. A principal alteração sugerida por Jakobson ao trabalho de Saussure, e incorporada em seu trabalho, é na dicotomia entre *langue*/língua e *parole*/fala, que ele substitui por *código* e *mensagem*, herdados dos conceitos da Teoria da Informação.

### 9.1 As funções da linguagem

O artigo *Linguística e Poética* tem como objetivo explicar sobre a Função Poética, sobre o que torna um texto uma obra de arte, ou seja, um dos principais pontos abordados pelos Formalistas Russos. Diz ele:

A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística (JAKOBSON, 2008, p. 119).

**Tabela 2:** As funções da linguagem

	Referencial	
Emotiva	Poética	Conativa
	Fática	
	Metalinguística	

Fonte: Jakobson (2008, p.129)

Depois Jakobson esclarece que para cada elemento da comunicação existe uma função da linguagem orientada para ele, sendo elas: Assim, ele acrescenta ao esquema de Bühler mais três funções: referencial, fática e metalinguística. Jakobson foca no perfil da *mensagem*, conforme a meta ou orientação (*Einstellung*) da *mensagem* em cada fator da comunicação. A intenção e direção da *mensagem* é que vai levar à dedução da interpretação da *mensagem*, determinando sua função (CHALHUB, 2002). Ele diz ainda que uma *mensagem* nunca está centrada em somente uma função, mas possui várias, sendo uma dominante. “A estrutura verbal de uma *mensagem* depende basicamente da função predominante” (JAKOBSON, 2008, p. 123). Cada função se apóia somente em seu *Einstellung*, sem critérios linguísticos para diferenciar as funções com certeza absoluta (PAVEAU; SARFATI, 2006).

#### 9.1.1 Função Referencial

Quando a *mensagem* tiver seu *Einstellung* no *contexto*, haverá a Função Referencial, ou denotativa, cognitiva. É a função dominante nas mensagens e deve haver atenção para a identificação de outras (JAKOBSON, 2008). A Função Referencial sugere uma transparência entre *mensagem* e *contexto*, uma equivalência: é a linguagem que reflete o mundo com mensagens claras e sem ambiguidade. Linguisticamente se caracteriza pela 3ª pessoa do verbo, de quem ou do que se fala (CHALHUB, 2002). Nos meios de comunicação de massa, o citado anteriormente autor identifica a Função Referencial nos noticiários de rádio e televisão, definindo a estrutura da *mensagem* como o mais objetiva possível.

#### 9.1.2 Função Emotiva

Toda *mensagem* centrada no *remetente* possui uma Função Emotiva (ou expressiva). Ela visa a uma expressão direta de quem fala, suscita certa emoção, verdadeira ou simulada (JAKOBSON, 2008). Linguisticamente ela é marcada pela 1ª pessoa, por interjeições, adjetivos, advérbios e sinais de pontuação. Chalhub (2002) identifica as novelas – em sua maioria melodramáticas – como um claro exemplo da Função Emotiva, com a expressão dramática de sentimentos, afetos e emoções, cuja finalidade é comover o espectador.

#### 9.1.3 Função Conativa

Na *mensagem* orientada para o *destinatário* existe a Função Conativa. Linguisticamente ela é caracterizada por frases no vocativo e imperativo, dando ordens ou conselhos ao *destinatário*, e pela 2ª pessoa do verbo (JAKOBSON, 2008). A palavra conativa tem sua origem no termo latino *conatum*, que significa tentar influenciar alguém através de um esforço (CHALHUB, 2002).

Chalhub (2002) diz ainda que sempre que há a intenção de convencer o *destinatário* de algo, a *mensagem* carregará argumentos para a persuasão, utilizados especialmente na linguagem da propaganda, que tem algo da Função Poética, para sensibilizar o público pela beleza da argumentação.

A organização [...] da *mensagem* da propaganda, seja qual for o veículo que a estrutura – televisão, revista, outdoor, rádio –, imporá um perfil conativo a essa linguagem (CHALHUB, 2002, p.7).

Jakobson (2008) reconhece que até aqui ele se utilizou do modelo tradicional da linguagem, como foi criado por Bühler: emotiva para o *remetente*; conativa para o *destinatário* e referencial para o que se fala (terceira pessoa); e acrescenta que sua inovação fica com as funções que ele explicará a seguir, principalmente a Poética.



#### 9.1.4 Função Fática

As mensagens orientadas para o *canal* são fundamentalmente utilizadas para prolongar o interromper a comunicação, verificando se o *canal* funciona. Ela atrai a atenção do interlocutor e procura confirmar sua atenção continuamente. É a Função Fática (JAKOBSON, 2008). Nos meios de comunicação de massa, a Função Fática está continuamente presente, principalmente na mídia televisiva, pela rapidez dos cortes e curta duração das matérias, que busca sempre manter a atenção do telespectador, mesmo durante os intervalos comerciais.

#### 9.1.5 Função Metalinguística

A função referente ao *código* apresentado a Jakobson pela Teoria da Comunicação é a Função Metalinguística, que acontece sempre que o discurso tem necessidade de verificar se o *remetente* e *destinatário* estão usando o mesmo *código*, retornando a ele (JAKOBSON, 2008). Para Chalhuh (2002, p. 48), o *código* “[...] é um sistema de símbolos com significação fixada, convencional, para representar e transmitir a organização dos seus sinais na mensagem, circulando pelo canal entre a emissão e a recepção”.

#### 9.1.6 Função Poética

Para Jakobson (2008), o estudo da poesia inclui reconhecer que Função Poética é a predominante na estrutura de sua construção, sendo que todas as outras funções ficam subordinadas a ela. Na Função Poética, a *mensagem* está voltada para si mesma, suas características físicas, sonoras e visuais no seu modo peculiar de mostrar-se – como nas formas de construção típicas da poesia concreta (CHALHUB, 2002).

### 10 A Importância do Código

Outra similaridade entre a Linguística e a Teoria Informacional da Comunicação é o uso de um princípio dicotômico como base dos traços distintivos da linguagem, que Jakobson relaciona com o uso do código binário como uma unidade de medida para uma quantidade de informações, ou seja, a base de tudo está no *código* (JAKOBSON, 2008, p. 74). A inclusão da noção de *código* foi uma das maiores contribuições da Teoria da Comunicação para Jakobson, e foi onde ele mais se apoiou para incrementar sua Linguística Estrutural.

Quando li tudo o que escreverem os engenheiros de comunicações [...] sobre código e mensagem, dei-me conta, é claro, de que desde há muito esses dois aspectos complementares são familiares às teorias linguísticas e lógicas da linguagem, tanto aqui como alhures; é a mesma dicotomia que encontramos sob denominações diversas tais como *langue-parole* (língua-fala), Sistema Linguístico Enunciado, *Legisigns-Sinsigns*, *Type-Token* (tipo-caso particular), *Sign-design*, *Sign-event* etc. (modelo semiótico-processo semiótico.) [...] (JAKOBSON, 2008, p. 21-22)

O engenheiro de comunicação utiliza o conceito de um *código* pré-determinado entre *emissor* e *receptor*, e a linguística de Saussure utiliza o conceito de *langue* (depois substituído por *código*), que possibilita uma troca de *parole* (mensagens) entre ambos. Para a Teoria da Comunicação esse *código* é uma transformação convencionalizada, habitualmente de termo a termo e reversível; transformação essa pela qual a *mensagem* passa o processo de codificação e decodificação. O código combina o *signans* (significante) com o *signatum* (significado) e este com aquele (JAKOBSON, 2008).

O equilíbrio entre a Teoria da Comunicação e a Linguística, como visto por Jakobson, é operacionalizar o conceito de *langue* de Saussure, mudar-lhe o nome para *código*, e ampliar o conceito dos engenheiros: o *código* mais do que o conteúdo puramente cognitivo é o estilo dos símbolos léxicos, suas variações livres, suas elipses, seus *subcódigos* – não é um *código* estático (JAKOBSON, 2008).

O *código* é extremamente importante para o processo de comunicação, é o que torna possível ao *receptor* decodificar e compreender e interpretar a *mensagem* que ele recebe. Decifrar uma *mensagem*, porém, não é o mesmo que *decodificar*. O *decodificador* é o destinatador virtual da *mensagem*, se ela for interceptada no meio por outrem, este será um criptanalista (JAKOBSON, 2008).

Ao construir uma *mensagem*, o *remetente* utiliza dois modos de arranjo: a combinação e a seleção. Ele combina signos diferentes, selecionando-os de um repertório que seja comum a ambos: o *código*. O *destinatário*, porém, precisa acessar estes signos previamente selecionados pelo *remetente* em seu repertório para compreender a *mensagem*. Logo, a seleção é uma atividade que concerne somente ao *código*, mas não à *mensagem* (JAKOBSON, 2008).

### 11 Conclusão

Neste trabalho passamos por várias escolas de pensamento que influenciaram de modo direto a construção do modelo teórico do processo de comunicação elaborado por Jakobson. Sua simplicidade e fácil adaptação tornaram esse modelo amplamente utilizado pelos estudiosos de comunicação, tanto teóricos quanto práticos, por muitas décadas. Ao utilizar-se das ideias e nomenclaturas da Teoria Informacional da Comunicação e alinhá-las com as ideias preexistentes na Linguística, Jakobson unificou e sistematizou de maneira muito eficaz um conhecimento que antes se encontrava dividido. Tempos depois, com as contribuições da Escola de Frankfurt e dos *Cultural Studies* as ideias de Jakobson foram aos poucos sendo modificadas, mas muitas vezes seu cerne ainda estava lá. Jakobson inovou principalmente no seu ecletismo, ao unir áreas da ciência que antes não se conversavam. Com este pontapé inicial dado por ele, ficou muito mais fácil as Ciências Humanas e Exatas encontrarem seus pontos em comum e contribuir cada uma a seu modo para o estudo dos fenômenos da comunicação.

## Referências

- ARAÚJO, C.A. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.119-130
- CÂMARA JUNIOR, J.M. Roman Jakobson e a linguística. In: JAKOBSON, R. *Linguística. Poética. Cinema: Roman Jakobson no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CHALHUB, S. *Funções da Linguagem*. 11.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- DE CAMPOS, H. O poeta da linguística. In JAKOBSON, R. *Linguística. Poética. Cinema: Roman Jakobson no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p.183-193
- EIKHENBAUM, C. et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- GILBERT, E.N. Information theory after 18 years. *Science Magazine*, v. 152, 1966. p.320-326
- JAKOBSON, R. Do realismo artístico. In: TOLEDO, D.O. (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Linguística. Poética. Cinema: Roman Jakobson no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Selected writings II: word and Language*. Paris: Mouton, 1971. p. 697-708
- JAKOBSON, R. *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- KURSELL, J. First person plural: Roman Jakobson's grammatical fictions. *Studies in East European Thought*, Berlin, v.62, n.2, p. 217-247, 2010. p. 217-247.
- LASSWELL, H.D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G. (Org.) *Comunicação e Indústria Cultural*. 5.ed. São Paulo: Quatro, 1987. p. 105-117
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G.-E. As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.
- POLISTCHUCK, I.; TRINTA, A.R. *Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- PRAGUE LINGUISTICS. 2010. Disponível em: <<http://www.praguelinguistics.org/en/>>. Acesso em: 2 ago. 2010.
- SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. *História da psicologia moderna*. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- TEIXEIRA, I. O formalismo russo. *Cult: Rrevista Brasileira de Literatura*, São Paulo, v.2, n.13, p. 36-36, ago. 1998.
- TOLEDO, D.O. (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- WEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.
- WOLF, M. *Teorias das comunicações de massa*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.